

**Documento de Registro de Entrevista para o site de MHEPCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Monika Tanaca Gimbutis Sanchez**

**Auditório da Etec José Rocha Mendes**

**São Paulo**

**2013**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: temática.

Entrevistador: Paulo Eduardo da Silva.

Instituição: Escola Técnica Estadual José Rocha Mendes, em São Paulo.

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

O entrevistador trabalha há mais de vinte anos com a professora Monika Tanaca Gimbutis Sanchez na Etec José Rocha Mendes e sabia que a professora fez parte da primeira turma do curso técnico de Desenho de Comunicação desta etec. Quando se iniciaram os trabalhos de preservação da memória na etec, a professora Monika foi uma das primeiras entrevistadas dada a sua condição de ex-aluna, professora e coordenadora nesta escola. O interesse de nosso centro de memória nesta personagem que atravessou várias décadas de nossa história, sempre assumindo um papel atuante em nossa escola. Apenas esse histórico já torna evidente nosso interesse em entrevistar esta professora. Também se justificava a entrevista devido às profundas ligações que a Rocha Mendes tem com os cursos de arte da Getúlio Vargas, etec da qual somos herdeiros diretos. A professora Monika também havia tido aulas (na década de 1980) com o professor Eden Della Bella. Este professor era ex-aluno e professor do curso de Pintura da Getúlio Vargas, o que só reforçava as ligações entre as duas escolas e aumentava a necessidade de se esmiuçar essas ligações entre cursos e professores antigos e novos. Por tudo isso, só nos restava efetivar a presente entrevista.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Paulo Eduardo da Silva

Local da entrevista: Auditório da Etec José Rocha Mendes. Rua Américo Vespucci, 1241 – Vila Prudente – São Paulo – SP.

Data: 04 de setembro de 2013

Técnico de gravação: Paulo Eduardo da Silva

Duração: 49 minutos e 47 segundos

Número de vídeos: Um

Transcritores: Paulo Eduardo da Silva, Diogo Torres, Filipe Batista, Karine dos Anjos e Larissa Hokama.

Número de páginas: 19

### **Sinopse da entrevista**

Essa entrevista foi realizada em 04 de setembro de 2013, dentro do Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP), em 2013. No entanto, a transcrição da entrevista aconteceu, recentemente, para ser integrada ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), afim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Para esse projeto propôs-se envolver docentes que atuam no GPEMHEP com projetos de HAE, empregando a história oral como metodologia de pesquisa, e participando de duas capacitações – os Clubes de Memórias XXIX e XXX, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018. Como a professora Monika Tanaca Gimbutis Sanchez da etec José Rocha Mendes, foi aluna da primeira turma do curso de Desenho de Comunicação desta etec e posteriormente, veio a ser professora e coordenadora de curso, ela seria uma “candidata natural” a falar sobre os cursos de arte de nossa etec. Dados os primeiros passos na criação de nosso centro de memória, fizemos um convite à professora, que com grande satisfação, aceitou. A professora também nos apresentou a foto de uma das primeiras exposições dos trabalhos de

Desenho de Comunicação da qual ela participou já na condição de professora. A seguir apresentamos esta fotografia:



Exposição Técnica de 1992.

### Transcrição da entrevista

Entrevistada: Monika Tanaca Gimbutis Sanchez / Etec José Rocha Mendes, em São Paulo

Data da transcrição da entrevista: 15 de setembro a 07 de outubro de 2018

Nome dos transcritores: Paulo Eduardo da Silva, Diogo Torres, Filipe Batista, Karine dos Anjos e Larissa Hokama.

**MTGS:** Olá! Bom dia! Hoje é dia quatro de setembro de 2013, e nós estamos aqui no Rocha Mendes, no cantinho [risos] no camarim do nosso anfiteatro. Meu nome é Monika. Monika Tanaca Gimbutis Sanchez e eu sou formada em: Desenho de... profissionalizante de propaganda, curso técnico de Desenho de Comunicação. Tenho duas faculdades, uma de Educação Artística, a outra de Desenho Industrial com especialização em design de produtos e fiz pós-graduação em Artes Plásticas. Essa é a minha formação básica. Hã... Fui aluna aqui no curso de Desenho de Propaganda, que era um curso pré-profissionalizante em 1984. Fiz esse curso pré-

profissionalizante com 13 anos de idade, estava na oitava série, a escola era aberta e destinada a esse público. Só que na época não existia o curso técnico de Desenho de Comunicação. Então, por dois anos, 84 e 85, eu fiz o curso de Desenho Pré-profissionalizante. Em 1986, foi criado então o curso de Desenho de Comunicação no qual eu ingressei aqui e me formei em 1989. Era um curso técnico de quatro anos. Atualmente, eu sou professora do curso de Desenho de Comunicação hoje. Hã... Atuo também como coordenadora desse curso técnico.

**PES:** Mônica, os seus pais são japoneses ou nasceram no Brasil?

**MTGS:** Meus pais nasceram no Brasil, minha mãe tem origem oriental japonesa e meu pai é lituano.

**PES:** É uma mistura bem interessante hein?

**MTGS:** É [risos] diferente.

**PES:** E como é que foi seu primeiro contato com a Rocha Mendes?

**MTGS:** Aqui na escola eu ingressei em 84. Hã, aqui era um curso pré-profissionalizante de Desenho de Propaganda, minha mãe votava na escola e durante essas vindas à escola ela tomou ciência que aqui tinha um curso pré-profissionalizante que ensinava a desenhar. Junto com a propaganda de bairro, no jornal, que era Gazeta da Vila Prudente, vinha um anúncio - olha inscrições abertas "pro" curso técnico, curso profissionalizante de Mecânica, Desenho Técnico Mecânico, a de Elétrica e tinha esse de Publicidade e Propaganda. Como eu já desenhava, pintava desde os nove anos de idade e o curso era gratuito, isso que me trouxe até a escola.

**PES:** E como é que era a convivência com o pessoal dos outros cursos naquela época, porque tinha uma boa parte assim, que era só menino...

**MTGS:** Aqui era... as pessoas aqui da região falavam que era a escola industrial. Então no primeiro momento, quando minha mãe falou assim: ah, vai lá fazer o curso, eu fiquei meia assim: com... mas é uma escola de homem, di, di, masculina. Tanto é que em frente à escola era uma fábrica, então você entrava nessa rua, era bem industrial. Então você ficava meio com um receio porque via o pátio de mecânica, os tornos, a oficina, não via menina na escola então você ficava meio, com vergonha. Mas aí acabei vindo, agora tomei coragem porque gostava de pintar, e como a escola também fornecia todo o material, tudo, falei: ah, vou fazer a inscrição! Comecei a frequentar esse curso, então de propaganda. Foi isso que me motivou - a vontade de querer desenhar, de pintar, é o que me motivou a frequentar esse curso. Eu tinha um interesse até em fazer o curso pré-profissionalizante de Desenho Mecânico, mas, como só tinha menino, não tinha UMA menina que queria fazer o curso comigo eu desisti. Eu iria tá frequentando o curso, que era duas vezes por semana. Então eu vinha de

terça e quinta, aprender a desenhar e aí eu tinha interesse em fazer o curso de mecânica, mas como era muito moleque, eu desisti.

**PES:** E o que um grupo de meninas fazia durante o intervalo dentro d'uma escola onde a maioria era masculina? Vocês atraíam muito a atenção?

**MTGS:** Ah! [Risos] Com certeza chamava muita atenção. Era complicado, pra ir ao banheiro na hora do intervalo, era aquele corredor [de meninos] que você tinha que passar no meio não tinha como, era complicado. Então o que a gente pedia pra professora: hã... Pra deixar a gente ir no banheiro antes do intervalo. Frequentar a cantina era difícil então a gente pedia “pros” meninos da sala comprar o lanche porque... Huum, era até um pouco desagradável demais, hã... Os meninos dessa escola, dos outros cursos, descobriam o seu nome e escrevia recadinho na parede, hã... Você ia pra escola até subindo a escada mas um dia o meu nome estampado, lá com giz, de um menino querendo me conhecer. Eu tomei um susto, falei: sou eu? E eu falei assim... Nossa! Fiquei chocada porque era o curso da noite e eu estudava à tarde. Eu nem ficava aqui até mais tarde pra conhecer menino da noite. Era assustador! [Risos].

**PES:** Como é que era o nível dos alunos do Desenho de Comunicação daquela época?

**MTGS:** Todos os alunos gostavam de desenhar porque a nossa turma, é, foi a primeira turma. Então, tinha a turma A e a turma B, com os quarenta alunos, e isso foi interessante, porque todos frequentaram o curso pré-profissionalizante. E aí através do abaixo assinado, na delegacia de ensino, com o apoio do professor Eden, do professor Segundo Golfet e da professora Lóris, nós conseguimos montar o curso. Então a turma queria que esse curso existisse. Então era bem diferente. Então todos sabiam desenhar, todos, cada um tinha mais habilidade com pintura, o outro com desenho, quadrinhos, e por aí vai. Então, isso era o que motivava o curso, ser a primeira turma e uma turma de alunos que gostavam do que faziam.

**PES:** E qual a importância desse curso na sua vida?

**MTGS:** Bom, o fato de eu ser professora aqui [risos] e hoje coordenadora, acho que interfere um pouco. Eu tenho paixão por desenho. Desenho, pintura, desde os 9 anos eu pintava, então... Isso me motivou. Hoje eu “tô” na área de computação gráfica, porque não tinha professor, foi o primeiro, o primeiro laboratório, como eu trabalhava na área, na época, a coordenadora era a professora Mércia Lopes. Ela falou assim: ó! Nós conseguimos montar o primeiro laboratório de informática. Dez computadores “pra” quatro alunos. E eu era a única que sabia que sabia mexer em computador. Então eu fui premiada assim - “Vai lá “pro” laboratório! Você vai dar essa aula. Larga as aulas de desenho, pintura, e vai dar aula, que só você sabe mexer”.

**PES:** Quer dizer, eram 10 computadores “pra” 40 alunos, ficava 1 computador...

**MTGS:** “Pra” 4 alunos, um clicava, os outros olhavam e não faziam nada, essa era a nossa realidade. Mas não teve jeito! [Risos]. Aí eu fui ficando. E por gostar muito do... de desenhar, trabalhar na área, acabei fazendo a faculdade “voltada” de artes plásticas, depois de desenho industrial. Consequentemente, acabei abrindo um escritório, então, foi tudo, assim... A minha vida profissional tem tudo a ver com a minha vida no Rocha.... Assim, o aprender a desenhar, o gosto pelas artes... Só que aí eu migrei “pra” publicidade montando um escritório de desenvolvimento de design de produtos, que é o meu ganha pão. Porque o salário do professor não, infelizmente, não dá. Então onde eu ganho dinheiro é com a agência, com o escritório. E aqui eu venho por amor mesmo, e acabo até empregando alunos. Então, como eu leciono à tarde, eu sempre peguei os alunos do período da tarde que acabavam de se formar “pra” trabalhar no escritório. Então, no horário que eu vinha aqui trabalhar no Rocha Mendes dar as minhas aulinhas, eu deixava alguém no escritório, alguém que eu formei.

**PES:** Bom... Você já declarou sua paixão aqui pelo desenho, mas na década de 80, por que fazer desenho de comunicação naquela época?

**MTGS:** Por que fazer na década de 80? Era mais por hobby! E artes é a única, assim, eu considero a única disciplina que envolve todas as áreas de conhecimento. Porque você acaba mexendo além do conhecimento, também com o seu gosto pessoal. Então você acaba... você poderia “tá” atuando nessa área de propaganda, ao desenvolver campanhas. Hã... na década de 80, por causa da ditadura, você tinha muita mensagem que você passava através da propaganda. Eram mensagens escondidas. Então, você tinha que decifrar, você tinha que criar coisas “pra” transmitir um conteúdo por trás. Uma outra mensagem pra quem tinha um pouquinho mais de instrução, conseguia captar. Então, com as coisas da repressão, eu ainda “tava” saindo da época da Ditadura. “Tava” [saindo] da ditadura pras Diretas Já. Então a gente acabava sempre usando do desenho da arte como um meio de difundir, divulgar uma coisa que “tava” até escondida né? Era um caminho. Hã, eu entendia que a arte ela expressava não só a minha vontade, mas também, é... outras áreas. Ela “tava” relacionada a todas as áreas do conhecimento, que aí você podia focar. A gente tinha fotografia, então você tinha área de conhecimento de química, você podia... Física aplicada no processo de revelação. Você tinha, hã... nós tínhamos modelo nu. Eu cheguei a dar aula de desenho de figura humana e contratei a modelo. Os pais assinaram a autorização porque os filhos eram menores de idade. Por um mês os pais bancaram a modelo pra posar nua pra eles desenharem. Então a gente vai vendo, hã... nessa área, na década de 80, 90, que foi uma fase... de liberdade, que até então a gente não tinha e a arte possibilitava essa expressão. Era mais fácil.

**PES:** Bom, agora explica pra gente um pouco o que que era esse tal do “prézinho”. Que curso que é esse?

**MTGS:** Prézinho... Aqui no bairro o pré de desenho de propaganda, hã, ele motivava as crianças, os alunos de oita... até oitava série a ter uma profissão. E propaganda era uma das disciplinas, uma das profissões que estava em auge, e até hoje é concorrido, comunicação social. Hã... O que que o governo fazia? Ele doava material e aqui o material que a gente tinha era material de primeira mesmo. Eu tinha... Aprendi aqui a trabalhar com aquarela, eles tinham pincel pelo de marta. Hoje já não compra mais isso, mas o pincel pelo de marta os alunos sabem que é um preço absurdo. Aquarela, ecoline, eu aprendi aqui a trabalhar com aquarela, ecoline, giz pastel seco que tinha, giz pastel oleoso. Tinha papel importado que o governo doava. Então, assim, eram materiais novos e muito caros pra gente comprar. E isso acabou motivando a gente a querer aprender a desenhar e fazer anúncio, propaganda, campanha, correr atrás disso. Hã... o pré profissionalizante era... trabalhar com propaganda era o suprassumo naquela época. Era como se fosse a medicina, era um curso super concorrido. Então isso motivava ter bons professores, excelentes professores aqui que nos estimulavam a desenhar, a criar, a produzir. Isso nos ajudou muito, a ter essa vontade.

**PES:** Quais as principais mudanças que você percebe na Rocha Mendes hoje?

**MTGS:** A escola melhorou muito, porque nós só tínhamos o bloco 1 ali em cima, com aquelas salas de aula e o pátio de oficina. A oficina de mecânica foi desfeita, foi feita a biblioteca, foram feitos... Construídos, os laboratórios de informática, coisa que não existia na época. As salas de aula ali no meio... Hã... Agora a construção da quadra, então coberta. Eu vejo que a escola melhorou muito. As pessoas reclamam, falam que - "Ahhh o governo não dá infraestrutura". Da sim, é que demora muito. A obra é superfaturada, tudo. Mas... Você é assim: pra quem foi aluno daqui do Rocha Mendes e "tá" até hoje. Todos os professores que estudaram aqui tem esse amor pela escola. Né? É o caso do professor Patané, que você... Ele estudou aqui, então você vê, tem... Eu estudei, a professora Miriam estudou, a professora Rita, eu dei aula até pra professora Rita. Então... Vários professores que hoje estão aqui, eu acabei também dando aula pra eles, lecionando, ajudando. E tomaram gosto e estão até hoje, na unidade escolar. E as mudanças, hoje com esse auditório. "Magina"! No tempo que eu estudei nem auditório existia, era sala de aula pra dar palestra, pra assistir um filme. Então, aqui tem muita infraestrutura melhorou muito.

**PES:** Bom, e que fique registrado - esse auditório que não existia, na verdade... Havia uma marcenaria né? Durante muito tempo aqui.

**MTGS:** A marcenaria... Exatamente. É, aqui a gente vinha fazer uns trabalhos de xilogravura aqui [risos]. Tinha a marcenaria, tinha a... Os laboratórios, a oficina, hã... A sala de desenho com as pranchetas de desenho mecânico. Então... Só que agora, mudou muito, e... Havia até forno, forno elétrico pra queimar peças de artesanato. Eu lembro que tinha um forno industrial, que você podia modelar a pecinha de barro e queimar.



**PES:** E qual lembrança ficou mais viva, do seu tempo de escola?

**MTGS:** [Risos] Do meu tempo de escola! Ah... São várias lembranças. Aqui na escola o que mais assim... hummm, me... Traz boas recordações é toda essa área aqui que foi construída do auditório. Essa... área que é do desenho, laboratório de fotografia, a primeira revelação, eu ficava aqui a professora deixava a gente..., eu comprava papel fotográfico, caixas, cem, duzentas folhas e ficava aqui no laboratório, fotografava, revelava. Comprava meu material particular e usava o laboratório pra fazer minhas revelações fotográficas, que revelação fotográfica antigamente era caro. Então, a gente comprava e tinha a possibilidade de fotografar, preto e branco fazer as revelações. Isso que me marcou bastante. Ter os professores que a gente teve aqui na escola. Isso aqui me trouxe boas..., me... Me motivou muito.

**PES:** E a professora de fotografia qual o nome dela?

**MTGS:** A professora de fotografia é a professora Mércia Lopez, que até hoje “tá” aqui na escola. Foi coordenadora do curso, me hã..., a primeira coordenadora foi a professora Loris Graldi Rampazzo. Ela que correu atrás do curso técnico de Desenho de Comunicação. Ela que me colocou aqui na escola. Depois a Loris acabou saindo, porque acabou fazendo o mestrado. Hã... Acabou indo lecionar na São Judas, na Universidade São Judas, e aí a Mércia ficou. Então, com o apoio delas eu acabei entrando no lugar da professora Loris. Que... Quando eu entrei aqui em 1984 um dia como aluna - isso foi o que mais marcou. Hã... Eu sentada na sala que tem as colunas, que hoje é a modelagem, eu olhei assim pra professora - “tava” desenhando. Ai aquelas coisas de criança com treze anos de idade. Eu olhei pra professora e contemplei a professora e falei assim, no meu pensamento: um dia eu vou “tá” sentada aí no seu lugar. E foi muito rápido! Eu terminei o técnico e no ano seguinte eu entrei [risos], no lugar dela, passou o tempo...

**PES:** Quando você começou o seu curso o que mais chamou sua atenção? O que mais se... Destacou em sua memória, do primeiro ano?

**MTGS:** No curso, em si, eram todas as disciplinas que eu gostava, então tinha facilidade. Foi mais em termos de estrutura, é estar numa escola tipicamente masculina. É isso que... Que foi o diferente. Então a escola, o curso de Desenho de Comunicação ele foi criado, pra atender, assim - a escola, à tarde, no período da tarde, era uma escola vazia, só existiam cursos de manhã e de noite. O curso foi criado pra encher as salas de aula no período da tarde. Então isso acabou me chamando mais a atenção. A gente estar aqui numa escola vazia tipicamente masculina. É o que... Era chocante na época.

**PES:** E você poderia contar pra gente um fato marcante dessas décadas em que você estudou e trabalhou? Quer dizer, de todos esses anos que você passou aqui, algo assim que você se lembra, ou de alguma maneira, um fato que... Que você... Marcou. Marcou você de alguma maneira?

**MTGS:** Eu acho que foi como professora. Eu não “tá” esperando no dia dos professores, os alunos... encomendarem um ramallete de flores e mandar entregar na escola. Eu falei assim - eu tomei um susto - por que eu não esperava. Acho que foi isso - o fato de ter esse carinho, de ter recebido o carinho dos alunos aqui na escola. Principalmente quando se forma no TCC, você acaba ganhando nem que for uma rosinha. Hã... A alegria de eu estar fazendo parte da formatura deles no TCC. Esse registro. Isso é o que mais me marcou em toda a minha... O meu período aqui no Rocha Mendes. Coisas que eu nem esperava eu estar fazendo parte. Assim como, a professora Loris quando eu sentada como aluna, olhei e falei assim: Eu quero estar no seu lugar! Eu... Como professora “tá” fazendo parte da vida profissional dos meus alunos. E... Às vezes nessas comunidades nas redes sociais eles falam: ai, que saudade professora! Eu “tá” sentada assistindo televisão. Aí eu vejo a vinheta passando lá com quem fez o que? Aí eu olho assim - nossa!!! Esse menino aqui que fez a animação - tão trabalhando no Rio de Janeiro, na Rede Globo, na central de jornalismo. Um trabalha na Ana Maria, o outro trabalha na... na Central Globo de Jornalismo aqui em São Paulo fazendo animação, vinhetas. Ai eu falo: nossaaa! Um pouquinho das minhas... Dos meus dez computadores (risos), ali nas primeiras aulas. Porque só tinha Corel Draw e Photoshop. Corel Draw 4 aqui na escola – nossa, não fazia nada. Era terrível aquilo lá. E você vê que aqueles alunos que eu acabei ensinando um pouquinho na informática que... Um computador pra 4 era ridículo. Mas, daquilo lá ele foi evoluindo, comprou o primeiro computador, os alunos chegam e falavam assim: Professora eu vou comprar meu primeiro computador que computador eu compro? Eu tenho dinheiro pra conseguir, e tem um amigo que “tá” vendendo um Mac usado [Macintosh]. Eu compro um PC novo ou um Mac usado? Eu - compra um Mac usado. E aí, esse menino... Tatuou, criou a marca pessoal, uma das propostas. Aí eu falo assim: você vai criar sua marca pessoal, seu logo a sua... seu logotipo. Ele tatuou no braço, isso aí me marcou muito. Aí, ele veio aqui um dia dar palestra. Ele trabalhando com... Numa revista de skate, de esportes. E com o dinheiro que ele comprou o primeiro Mac que eu falei: Compra o Mac, ele conseguiu trabalhar na editora de skate, de esporte. Conseguiu vaga brincando aí de skate que a gente... Achava terrível. Fica - para de andar com essa porcaria aqui né? A direção briga! Ele conseguiu, na faculdade, bolsa de estudo pra representar a faculdade. Hã... Tatuou a marca dele no braço, e trabalhou na editora de revista porque eu falei: a compra o Mac que você vai ter mais futuro. E tudo relacionado com o skate e o curso de Desenho. Achei interessante isso também. Marcou bastante.

**PES:** E falando um pouco... das aulas do Desenho de Comunicação, como é que era a parte prática do desenho? Quais matérias assim, que pagavam mais nesses aspectos práticos?

**MTGS:** Quando eu era estudante aqui no Desenho de Comunicação, hã... Todas as disciplinas. Eu tinha: Desenho de Composição, que hoje no curso de Comunicação Visual virou Formas Expressivas Compositivas. Eu tinha Desenho de expressão, que virou “Febe” hoje. Hã... Que ensinava a desenhar, desenhar com expressão. Composição, Desenho de Composição,

a compor textos e imagem, Desenho de Letras e Cartazes. A gente tinha que desenhar letras em cartazes e como eu era boa letrista, cansei de pintar a placa do Rocha Mendes aqui. Nossa!!! E aí, de tanto pintar placa do Rocha Mendes, que era a proposta, o professor jogava a placa e você tinha que pintar aquelas letrinhas na mão. E aí eu peço pra fazer um layout na mão e o aluno já – “ai, tem que desenhar na mão?” Eu tive que desenhar a placa da escola. Até a placa da Delegacia de Ensino, que aqui era no Pantoja, da 6° Delegacia, a gente teve que desenhar. Todas as escolas resolviam trazer placa né? Doação de placas. Aula de Desenho de Letras e Cartazes era pintar placa. Então, essa coisa de um professor trabalhava aqui, trabalhava na outra escola - “Ahhh! Os alunos pintam placa!” Traz pra aula e a gente pintava placa da escola . Tudo quanto era escola da região. Tinha aulas de Desenho de Figura Humana, só que aqui não chegou a contratar modelo. Eu, quando eu peguei essa disciplina, eu contratei a modelo nua. Então, tive que chamar os pais, fazer reunião com os pais, autorizar, porque todos eram menores de idade e aí eu expliquei. Na hora que o aluno, aquele meu pior aluno, que não conseguia nem fazer uma linha reta. Na hora que, no decorrer de um ano, no terceiro bimestre, eu contratei a modelo, ele descobriu que ele conseguia desenhar uma mulher pelada em cinco minutos. Pra quem não sabia nem fazer aqueles bonecos palitinhos... foi muito assim... em termos, como professor, pra mim foi muito ótimo, foi excelente. Que eu vi e falei: “nossa! Consegui fazer esses alunos desenharem”.

**PES:** É... Isso é que é o professor motivar o aluno né?

**MTGS:** É, nem a menina acreditou. Saia lágrima, escorria. “Ela - consegui, consegui, consegui”. E eu falei assim: “ó! Tá vendo? Vocês reclamavam porque eu mandei desenhar anatomia, copiar livro, músculo”. Falei assim: “eu sei o que eu tô fazendo”. E na hora que veio a modelo, que aí eles entenderam que aquele músculo - que, como a modelo que eu contratei eram aquelas modelos antigas - que tinham curvas, curvas, muitas curvas excessivas, cheias de gominhos de gordura, eles começaram a ver que... Falei: “nossa! Aprenderam a desenhar”. Ai que eles perceberam. Eu achei muito bom. E no curso, as disciplinas todas, cada disciplina tinham quatro trabalhos práticos. Hoje em dia, só dois. Dois que demoram... Um mês cada um. Lá não, eram quatro por mês, chegava a oito. Oito trabalhos por disciplina. E não era trabalhinho bobinho. Era trabalhinho pesado, era complicado.

**PES:** Falando ainda um pouco das muitas placas que você pintou, algumas delas eram ilustradas? Tinham algum desenho? Alguma coisa?

**MTGS:** As placas eram texto mesmo. Eram somente letrista. Então, antigamente você tinha a profissão de letrista nas agências. Não existia computador, então você tinha que fazer tudo na mão. Todo cartaz, toda propaganda. As ilustrações, a gente trabalhava mais pra revista, que contratava. Então, você tinha que ilustrar um texto, ilustrar um livro, então, ilustrar a matéria. A Gazeta da Vila Prudente sempre pedia pra gente fazer a ilustração, a sátira. Tiras pra satirizar alguma notícia. Então eles enviavam

artigos e a gente fazia tiras. E aí, alguns ex-alunos acabavam trabalhando, acabaram trabalhando lá, fixo.

**PES:** O seu curso todo foi feito na base do lápis da borracha né? Pincel. Como você vê a formação do profissional de hoje, onde tudo se resolve no computador?

**MTGS:** Olha que eu dou aula de computação e o que acontece? O desenho feito a mão é a base pra você fazer excelentes trabalhos no computador. Se você não sabe olhar e desenhar na mão ou não precisa ter necessariamente cem por cento da habilidade do desenho, mas se você não tem a sua percepção visual trabalhada pra isso, você não vai conseguir fazer excelentes desenhos no computador. Por quê? No computador é mil vezes pior. Primeiro: você tem que saber inglês, porque “tá” tudo em inglês. Segundo: se você não sabe inglês, já complica por aí. Você não vai entender pra que serve a ferramenta. Se você não sabe, não entende o Software e tem dificuldade de desenhar, não adianta nada. O computador é só uma técnica de pintura. Um usa guache, água, tinta, pincel. O meu usa o virtual. Que “tá” aqui ó! [Apontando para a cabeça] Se você não souber ter a percepção visual e aplicar isso com as ferramentas, que o computador me permite muito mais ferramentas, com maior velocidade e faz um trabalho muito mais limpo, fica complicado. Então se você não tiver percepção visual, ir visitar exposição, sempre estar antenado, prestando atenção, treinando a vista, a educação visual mesmo, a percepção, você não consegue fazer bons trabalhos no computador. O computador é mais uma ferramenta e pior - porque você tem que saber inglês - tem que entender de como salvar, como imprimir, como “dá” saída. É mais difícil. Não é tão fácil assim. Os bons profissionais em Computação tem a base na mão.

**PES:** Você foi aluna aqui. Como foi retornar para a escola como professora?

**MTGS:** Meu sonho realizado. Quando eu entrei em 84 e vi a professora lá ensinando a desenhar o aluno, falei: “nossa! um dia eu quero estar sentada aí!” Terminei o técnico, ela saiu e eu entrei no lugar. [risos] Nossa! Falei: “aprendi a desenhar”. Fiquei muito feliz. E ela acabou sendo minha professora na faculdade também, na Universidade São Judas. Então eu terminei o técnico, ela foi minha professora na universidade. Lá, por ter habilidade de desenhar, acabei ganhando a bolsa de estudo. Então, eu ganhava... Ganhei trinta por cento de bolsa de estudo. E aí eu teria que ir no período da noite, a tarde ou a noite, ou sábado ajudar os outros alunos a desenharem. Terminei, eu “tava” no segundo ano de faculdade, já fazia monitoria com outros professores aí eu fui ganhando mais espaço na faculdade até ter a bolsa integral. Então eu trabalhava na faculdade ajudando os professores a desenhar. Me formei na faculdade e aí de novo: ganhei e fui ser professora lá. Acabei sendo professora de professores que eu trouxe pra cá. Então que hoje, o professor Wilson [Wilson Neres], que hoje é diretor na Etec Tiquatira, foi meu aluno. A professora Rosina, que deu aula aqui e hoje também “tá” na Tiquatira, foi minha aluna. Aluna de faculdade. Então dessa brincadeira que eu entrei aprendendo a desenhar, acabei trazendo mais

profissionais “pro” Rocha Mendes. Aqui “tá” cheio de aluno que foi meu, ou no técnico ou na faculdade.

**PES:** E a experiência como coordenadora? Como tem sido pra você?

**MTGS:** Eu fui coordenadora em 1999. Até então, a primeira coordenadora foi a Lóris, depois foi a professora Mércia, aí com a mudança do Centro Paula Souza, Secretaria de Educação, a Mércia não poderia ficar por mais de cinco anos no mesmo cargo de coordenadora, ela foi obrigada a sair. Ai a professora Mércia me convidou. Como a coordenação era “pra” cargo de confiança, eu acabei sendo a coordenadora do curso com a saída dela. Só que nesse meio tempo eu acabei ficando grávida. Nem sabia que eu ia ficar grávida. [Risos] E eu acabei ficando só oito meses. E com o nascimento da criança, eu acabei largando a coordenação porque não dava pra ser coordenadora e cuidar de filhos. Meus filhos cresceram e treze anos depois, volto a ser coordenadora. Agora sim, com as crianças maiores, com os meus filhos... Hã... Ser coordenadora no curso é um pouco complicado porque acaba te tomando mais tempo. É mais fácil ser professora, porque você não tem preocupações. Você tem que se preocupar com todas as disciplinas. Como eu conheço todas as disciplinas, pra mim é mais fácil. Como eu trabalho na área, tenho o escritório, então eu sei o que que é tendência, então eu consigo dar um norte pros nossos professores, pra nossa equipe. Então é muito mais fácil. E você tendo uma boa equipe de trabalho, bons profissionais, fica mais fácil de “tá” formando um bom curso.

**PES:** É possível comparar o profissional do Desenho de Comunicação com o de Comunicação Visual?

**MTGS:** O público hoje é diferente. Eu sinto falta assim... Hã... Um curso técnico. É que eu tenho hoje atualmente eu tenho duas realidades distintas: o técnico modular à noite que é um curso de um ano e meio e agora de manhã que começou esse ano que é o curso integrado de três anos. Eu fiz o técnico que era integrado de quatro anos. Então, um curso de três anos eu acho que é muito pouco. Aonde você realmente aprende que eu sinto muita falta - do estágio. Eu fiz o curso profissionalizante, o técnico, e tive que fazer por uns seis meses obrigatórios - era obrigatório - ter a prática do estágio. E é isso que faz você crescer profissionalmente. É lógico que, existiam na minha turma, eram oitenta alunos. Hã, alunos que pedia pra assina a documentação do estágio, mas aqueles que efetivamente trabalharam, estagiaram, hoje são bons profissionais. Então, a única coisa que eu sinto falta é o estágio. Aí por... Questão política e educacional não é mais permitido fazer. Mas o estágio é o que realmente comprova e põe em prática tudo o que você aprendeu e você vai ver realmente se você gosta. A única coisa que eu sinto falta é a ausência do estágio. Que eu acho que daqui uns dez anos se bobear, eles acabam voltando a exigir. Por que “tá”... Isso é o que acaba fazendo com o que o curso caia um pouquinho em termos de qualidade. Hã... Essa geração de hoje de Comunicação é um - faz parte - é uma geração imediatista é [estalo de dedos] clicou, tá lá. Clicou, tá lá. Ele não tem paciência de aguardar vinte minutos. Aguardar uma fila de dez pessoas.

Então isso acaba complicando. Por ser uma, um público alvo imediatista você é obrigado a criar produtos, propaganda de... Opa! Lancei o carro hoje. Já no mês que vem eu tenho outro novo e é... Desejar sempre assim: o mundo capitalista mesmo. É... Motivação de compra. “Cê” acabou de comprar, financiou em um ano, doze prestações nem terminou de pagar já quer comprar o outro que lançou. Isso é complicado. É ruim, mas é o mundo capitalista. É assim que eu ganho dinheiro. Infelizmente, eu acho bom pra mim. Eu vou gerando as pessoas. Eu falo assim: opa! Eu trabalho com design de produtos, eu crio produtos que vão ser lançados daqui cinco anos, então eu já sei o que vai ser lançado. E eu dou aula. O fato de eu lecionar aqui não é... Também por que eu gosto, mas também porque eu vejo meu público, meu futuro consumidor. Hoje eles têm quinze anos. Com vinte eles vão “tá” comprando produtos e eu “tô” vendo o que que eles gostam hoje.

**PES:** Em breve eu pretendo entrevistar a professora Olga Campoy. Como ex-aluna da professora Olga, o que você pode nos contar das aulas dela?

**MTGS:** A Professora Olga, era uma professora muito exigente, muito metódica. Ela assim, em termos assim, por ser uma professora muito metódica ela era uma professora muito séria. Então ela não permitia assim um contato mais amigo. Ela acabava bloqueando essa questão da amizade do professor com o aluno. Então todos! Eu [risos] olha, que tinha... Eram oitenta alunos. Todos os alunos não tinham assim aquela motivação, faziam por obrigação né? Mas ela era muito exigente. O fato de ser exigente ajudava aqueles que não... Que tinham maiores dificuldades eram obrigados a se qualificar mais, a prestar mais atenção, a refazer – “o maldito refazer” – né? Que todo mundo fala: ah! Ela obrigava a você fazer excelentes trabalhos. Isso enriquecia seu portfólio. Mas em termos assim de convivência, de relação professor aluno, por ser uma professora que criava distância, não era bem vista pelos alunos. Mas em termos de qualidade, assim de ensinar, exigir - uma excelente professora. Uma boa professora, só que a gente não gostava [risos]. É por que também não tinha maturidade né? Não entendia. “Cê” com quinze, dezesseis anos, você acha que o seu melhor é aquela limitação. Só que a sua limitação não era o que condizia com o mercado de trabalho. Que isso só vai vim com a maturidade. Ela era um pouquinho brava demais. Então às vezes podia desmotivar alunos que iriam crescer no seu tempo, ela acabava de certo modo por não ter essa relação mais afetiva, a distanciar as áreas - assim os alunos.

**PES:** O Professor Éden foi uma figura muito querida e muito respeitada no Rocha Mendes, tanto é que o nome dele está na porta aqui do nosso auditório. Que recordações que você tem dele, das aulas dele?

**MTGS:** Eu não cheguei a ter aula dele, ele não foi meu professor né? Mas ele ficava nesse espaço aqui, que é o auditório e também foi diretor da escola. Ele era uma pessoa muito carinhosa, ele era tipo um paizão. Mesmo você não sendo seu aluno, você “tava” pintando sua tela, ele via que não “tava” bom, que podia melhorar, ele vinha até você e explicava. Ele tinha iniciativa de chegar, brincar. Ele era na verdade uma figura assim: ele amava

o desenho, a pintura. Os trabalhos dele eram fora de série. Pareciam assim, coisas inatingíveis, você olhava e falava nossa, ficava encantado. E o trato! Ele tinha essa relação mais humana, de afeto. Era como se ele considerasse todos os alunos como filhos dele. E dava um carinho de pai e ao mesmo tempo mestre. Então, por isso que ele era bem vindo, bem querido por todos independente ou não de ser ou não aluno dele. Ele era uma pessoa que brincava com você, te estimulava a desenhar, a pintar, mostrava... Era claro que ele amava o que estava fazendo e se sentia muito bem em estar ensinando os seus alunos.

**PES:** E como você analisa a escola hoje?

**MTGS:** [Pausa] Como eu analiso a escola hoje? [Pensando] Eu sinto que ela melhorou bastante, a única coisa que eu sinto falta é de não ter assim, a "doação" dos materiais. Assim os, o meu curso cem por cento gratuito, com a compra, a aquisição dos materiais. A escola dá, ela me comprou um belo de um laboratório de Macintosh. Ela comprou os softwares, é uma coisa muito cara, mas assim, às vezes, eu sinto falta de ter um pouquinho assim... Ai, eu preciso de lápis de cor. É um material até barato, o aluno consegue comprar, mas doar é só a única coisa que eu sinto falta, que é o que eu tive, é a... Cem por cento dos materiais, que não é bem a proposta atualmente hoje. O resto, eu em termos de estrutura de escola e laboratórios... O nosso primeiro laboratório foi a APM que comprou. [Pausa] O dinheiro da APM que comprou os dez equipamentos, por que não veio do governo. Por que a APM, os pais acabavam... Recebia em certa parte do governo o material só que, em reunião com os professores, a gente conseguiu mostrar pros pais que era necessário ter o computador. Computador era na época, custava hoje... Uns cinco mil reais um computador. Ninguém tinha dinheiro pra comprar na década de noventa computador. Computador era coisa de rico. Então com o dinheiro da APM a gente conseguiu comprar e os pais ajudaram até mais... Se cada pai, cada aluno deu um pouquinho, nós conseguimos montar um laboratório. E aí o filho teve acesso à informática. Evoluiu muito a escola.

**PES:** Que mensagem você deixaria para os alunos do século vinte e um?

**MTGS:** Que mensagem eu deixaria... [pensando]. Independente da... Profissão que você escolher, escolha aquela que você goste. Por que mesmo que seu salário não seja excelente, não seja aquilo que você almejava, hã... Você vai passar no mínimo oito horas da sua vida trabalhando. E se nessas oito horas você escolheu uma profissão que você não goste "cê tá" desperdiçando tempo da sua vida. E tempo não se volta atrás é muito complicado. Isso não é só pro meu curso, mas é pra todos. Se você trabalha naquilo que você gosta, se você escolhe aquilo que você gosta, você vai ser um excelente profissional. Você gostando da sua profissão, do seu emprego, você vai ter o seu reconhecimento e conseqüentemente, você vai ter a sua remuneração salarial. É isso que eu deixo.

**PES:** Eu quero agradecer a sua presença, a sua cooperação "pro" centro de memória. Você falou coisas ótimas aqui que vão ficar registradas pro futuro e

isso é muito bom pra nossa escola, pra nossa memória. Então, agradeço muito a sua presença e quem sabe a gente marca um outro encontro desse futuramente.

**MTGS:** Obrigada!

## **Descritores**

Aquarela

Artes Plásticas

Cinquentenário Centro Paula Souza

Computação Gráfica

Curso Profissionalizante

Curso Modular

Desenho de Composição

Desenho de Comunicação

Desenho de Expressão

Desenho de Figura Humana

Desenho Industrial

Desenho de Letras e Cartazes

Desenho Técnico Mecânico

Comunicação Visual

Design de Produtos

Ditadura

Diretas Já

Ecoline

Édson João Patané

Éden Della Bella

Educação Artística

Escola Industrial

Escola Masculina

Etec José Rocha Mendes

Formas Expressivas Compositivas

Fotografia



Gazeta da Vila Prudente  
História da Educação Profissional  
História Oral na Educação  
Ilustrações  
Laboratório de Informática  
Layout  
Loris Graldi Rampazzo  
Marcenaria  
Memória do trabalho docente  
Mércia Lopes  
Mockup  
Modelo  
Monika Tanaca Gimbutis Sanchez  
Olga Fuentes Campoy  
Paulo Eduardo da Silva  
Pintura  
Propaganda  
Pré-profissionalizante  
Registro de Entrevista  
Revelação  
Secretaria de Educação  
Segundo Golfet  
TCC  
Universidade São Judas

### **Dados Biográficos da Entrevistada**



Monika Tanaca Gimbutis Sanchez nasceu na cidade de São Paulo em 07 de agosto de 1971. Estudou no Educandário Nossa Senhora Aparecida, uma escola pertencente à Igreja Católica e dirigida por freiras. A escola era tradicional, conteudista e de ensino muito rígido. Aos 9 anos entrou na escola pública onde cursou os 4 anos do Ensino fundamental II. Quando chegou à 8a. série do fundamental, iniciou simultaneamente o curso pré-profissionalizante de Desenho Publicitário na Etec José Rocha Mendes. Terminado o Ensino Fundamental, continuou seus estudos ainda na escola pública, desta vez cursando o Magistério. No seu 2º ano do curso de Magistério iniciou também o curso técnico de Desenho de Comunicação na mesma Etec José Rocha Mendes. Com o recurso do “aproveitamento de estudos”, conseguiu dispensar algumas matérias do núcleo comum e conquistou os diplomas dos dois cursos. Ingressou então na Universidade São Judas Tadeu onde cursou licenciatura em Educação Artística. Após esta licenciatura iniciou o curso de Desenho Industrial com especialização em design de produtos na mesma universidade. Fez ainda pós-graduação em Artes Plásticas. Com mais estes diplomas no currículo, passou a lecionar simultaneamente na Universidade São Judas e na Etec José Rocha Mendes. Paralelamente a isso, fundou juntamente com seu marido dois escritórios de design de produtos. Atualmente mantém apenas um desses escritórios, a DabliuDesign especializada em design de produtos e impressão 3D, além de suas aulas na Rocha Mendes.

### **Dados Biográficos do Entrevistador**



Paulo Eduardo da Silva nasceu na cidade de São Paulo em 20 de agosto de 1961. Sempre estudou em escolas públicas formando-se no Ensino Médio na EESG Rui Bloen no bairro do Planalto Paulista. Graduiu-se em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985) com licenciatura plena em história. Leciona há 35 anos atuando principalmente no ensino público da Secretaria de Educação de São Paulo. A partir de 1995 ingressou no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), onde desenvolveu diversos projetos. É membro do GEPEMHEP Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, onde desenvolve pesquisas em história da educação profissional no Estado de São Paulo. Desde 2011 se dedica à implantação do Centro de Memória Etec José Rocha Mendes. Participou das publicações: Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), História Oral na Educação: memórias e identidades (2014), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico da Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), organizados pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Lúcia Mendes de Carvalho e Apostila pré-vestibulinho (Ed. Gabarito, 2006). Em janeiro de 2018 aposentou-se como professor efetivo da Secretaria de Educação. Atualmente, concentra suas atividades em pesquisa e aulas nas escolas do Centro Paula Souza.

**Anexos** (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado